

Stadium

O excelente cavaleiro internacional e olímpico major Helder Martins, que conseguiu brilhantes classificações no Concurso Hípico de Lisboa, entre as quais o 1.º lugar do «Grande Prémio», montando o cavalo «Optus,



N.º 235

4 DE JUNHO DE 1947

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

SPORTING avançou em pontos

Trava-se luta em algumas posições, e mais nada...

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA

A jornada número vinte e um nada acrescentou a um campeonato que vem arrastando-se, já no estoril. Todos os torneios, quando o campeão se divisa muito cedo, perdem um grande quinhão de interesse. Que dizer, então, ao cair sobre uma competição de futebol a dura provação da não inclusão dos internacionais?

Foram afectados, principalmente, três clubes. Apesar disso, a jornada decorreu com normalidade e os resultados constituíram o golpe de misericórdia. O Sporting distanciouse ainda mais do seu directo rival. Separaram-no agora, do Benfica, sete pontos de distância. Este, em segundo, está a grande distância do Estoril, em terceiro, numa óptima classificação, Belenenses e Porto seguem-se, a um ponto do Estoril, e na luta para o terceiro posto. Entre o primeiro e o quinto, o lote da guarda avançada, há uma diferença de 19 pontos. Os outros estão ainda abaixo da vintena. Em último encontra-se o Sanjoanense, e em penúltimo estão dois clubes, Boavista e Famacião, decidindo o pleito. De momento, Famacião leva desvantagem, mas as últimas jornadas ditarão a sentença. Boavista não poderá dormir tranquilo.

O quadro da classificação geral é o seguinte:

Sporting 39 pontos, 19 vitórias 1 empate e 1 derrota, 101 bolas contra 34; Benfica 32, 16 vitórias e 5 derrotas, 83 39; Estoril 27, 13 vitórias 1 empate e 7 derrotas, 77-43; Porto 26, 12 vitórias 2 empates e 7 derrotas, 60-40; Belenenses 26, 12 vitórias 3 empates e 6 derrotas, 50-26; Atlético, 20, 9 vitórias 2 empates e 10 derrotas, 43-52; Olhanense 19, 8 vitórias 3 empates e 10 derrotas, 46 62; Guimarães 19, 7 vitórias 5 empates e 9 derrotas, 66 66; Setúbal 18, 7 vitórias 4 empates e 10 derrotas, 38-32; Académica 18, 8 vitórias 2 empates e 11 derrotas, 43-67; Elvas 17, 8 vitórias, 1 empate e 12 derrotas, 49-70; Boavista 15, 5 vitórias, 5 empates e 11 derrotas, 35-57; Famacião 13, 5 vitórias, 3 empates e 13 derrotas, 48-80; Sanjoanense 5 pontos, 2 vitórias, 1 empate e 18 derrotas, 20 bolas contra 92.

Marcaram-se 32 goals, sendo a maior diferença conquistada pelo Olhanense.

Foram poucas as alterações. O clube algarvio subiu um degrau, ficando a par do Vitória de Guimarães e diminuindo a diferença que o separava do Atlético. Também a Académica, grupo animoso, passou a emparecear com Setúbal.

Foram apurados os seguintes resultados:

Belenenses.. 2 — Benfica.... 1
Académica.. 1 — Vitória S.... 0
Famacião... 3 — Vitória G.... 3
Porto..... 3 — Elvas..... 1
Sporting... 4 — Boavista.... 1
Atlético.... 3 — Estoril.... 4
Sanjoanense 1 — Olhanense.. 5

O Belenenses venceu bem. Em conjunto, a equipa foi superior ao Benfica: soube defender-se e atacar com pertinácia, especialmente no primeiro tempo. Rápidos, combativos, ousadamente, os belenenses atiraram-se para o ataque, e remeteram o seu adversário para os sectores da defesa. Este, contra atacou, com êxito, algumas vezes, desenhando bons esquemas, mas nunca revelou poder de remate à altura. Os benfiquenses chegaram algumas vezes à frente das balizas; aí desnoartaram-se.

A Académica bateu o Vitória de Setúbal. O goal solitário só chegou no fim, e tal manteve o interesse pela partida. Mas os estudantes mereciam o triunfo, pela forma como se bateram e o espírito de equipa de que deram provas. Faltaram as jogadas claras, de movimentação geral, e o choque substituiu a passagem para o homem desmarcado. Os setubalenses lutaram, no entanto, com energia, e não saíram do campo diminuídos.

Os dois rivais da Associação de Braga fizeram um futebol mais à base do entusiasmo do que da técnica. O Famacião empenhou-se com denodo, mas encontrou um adversário firmemente decidido a não se deixar bater. Succederam-se as jogadas de ataque num e noutro campo, e o empate representa, em síntese, um resultado justo.

O Porto desembarçou-se do Elvas com certa dificuldade! O resultado foi atingido com os elvenses a vencerem por uma bola. Ao quarto de hora, os rapazes do Porto conseguiram o empate, e como goal puxa goal, daí a pouco estava estabelecida a igualdade. E não se pode dizer que o resultado não exprima a verdade: o certo é que o Porto foi superior.

Os leões venceram com mérito! Porque o Boavista soube bater-se, fazendo a vida cara ao adversário. Os sportingistas, com uma equipa de última hora, organizaram bons esquemas, mostrando todas as unidades saber de jogo. Quando o fôlego começou a faltar nos boavistas, os leões caíram a fundo e venceram, consolidando a sua posição no torneio.

O Estoril não se deixou surpreender pela rapidez do adversário, organizando conscienciosamente os seus lances, e mostrando poder de remate — a arma mais terrível de uma linha de ataque.

Os algarvios dominaram os sanjoanenses. Nada pôde a boa-vontade, por vezes, contra o melhor jogo. Eis as características duma jornada que temos de resumir, por carência de espaço.

A última jornada

não pôde indicar o campeão

A o campeonato nacional da 2.ª Divisão, que se adivinhava animado, parece estar reservado um fim de festa aborrecido. Se quanto se diz — em Lisboa, os últimos boatos desportivos têm sido terríveis! — vier a confirmar-se, teremos a eliminação de um clube ou a irradiação de um dirigente. Como o assunto está entregue aos cuidados de quem de direito, deixemos que tudo se esclareça convenientemente. Que se faça justiça, custe o que custar, são os nossos melhores desejos.

Não se tendo efectuado o desafio Unidos do Montijo-Sporting de Braga, por decisão da F. P. F., apenas se realizou o jogo Lusitano de Vila Real de Santo António-Oliveirense. Triunfaram os algarvios por 3 0, o que os coloca em boa situação na prova, de mais a mais não se sabendo por ora o que vai passar-se quanto ao Sporting de Braga e ao Onze Unidos de Montijo.

Os montijenses são irremediavelmente últimos do torneio. Mas o Oliveirense espregia agora os acontecimentos. Pode ser «segundo», a despeito da sua situação de 3.º no mapa actual. Também

pode ser que não seja... Só o inquérito ordenado pela Federação resolverá em definitivo.

Por agora, a classificação dos grupos concorrentes é a seguinte: Lusitano, 6 jogos, 4 vitórias, 2 derrotas, 10 bolas contra 7, 8 pontos; Sporting de Braga, 5 j., 3 v., 2 d., 9 b. contra 3, 6 p.; Oliveirense, 6 j., 3 v., 3 d., 8 b. contra 12, 6 p.; Unidos do Montijo, 5 jogos, 1 vitória, 4 derrotas, 10 bolas contra 15, 2 pontos.

No desafio de Vila Real de Santo António, o Lusitano revelou-se capaz de conquistar a promoção. Todos os seus tentos foram obtidos na primeira parte do encontro, mas os oliveirenses desperdiçaram também algumas oportunidades.

Nos últimos 45 minutos não puderam os visitantes, durante algum tempo com nove homens, modificar a sorte do jogo. O resultado, afinal, ajusta-se à superioridade dos vencedores.

Os grupos: Lusitano — Isaurindo; Mortágua e David; Camarada, Madeira e Caldeira; Almeida, Vasques, Angelino, Calvino e Germano.

Oliveirense — Teixeira; Henrique e Joaquim; Oliveira, Castro e Eurico; Santos, João Tavares, Pinho, José Tavares e Armando.

ANDEBOL

E' preciso tomar providências para remediar a crise de árbitros que põe em riscos a vida da modalidade

Fora marcado para domingo o segundo encontro Sporting-Belenenses para apuramento do finalista do campeonato nacional de andebol, e cujo resultado era decisivo, pois os adversários haviam empatado no primeiro jogo.

Tratava-se de uma partida importantíssima, à qual se ligavam pesadas responsabilidades, pelo que era de prever o maior escrúpulo na escolha do árbitro de quem dependeria afinal a regularidade da competição. Contra toda a expectativa, dando mais uma prova, a definitiva, da falta de critério posto no exercício das suas funções, a Comissão Distrital nomeou um aprendiz, sem autoridade nem conhecimentos suficientes para o desempenho da sua espinhosa missão.

O resultado foi, como era de presunir, desastroso; estragou-se um encontro que, de início, se apresentava sob os melhores auspícios, com dois grupos a jogar animosa mas desportivamente.

O Sporting venceu pela mínima diferença de um ponto, mas o clube derrotado recorreu da decisão, fundamentando-se em grave erro de aplicação das leis. Se a alegação se provar, o jogo terá de ser repetido e, mais uma

vez, os jogadores serão os vítimas da incapacidade dos dirigentes que lhes são impostos no campo; muita coisa reprovável que se passou neste domingo, dentro e fora do terreno, resultou do enervamento gerado pelas fantasias e miasmas do sr. Salgado.

Requerem-se urgentes e severas medidas para salvação do andebol lisboeta, que se desorienta em ambiente de falta de confiança, por uma deficiência de agentes técnicos que já de longa data temos apontado nesta revista e para cuja compensação nada se tem feito nas esferas competentes.

Supondo que fica apurado o representante lisboeta na final do campeonato federativo, esta prova está longe do seu desfecho, porque no Porto os clubes apurados não se entendem quanto à forma de se enfrentar e, para uma competição que exige seis jornadas, restam apenas tres domingos, visto a Federação ter sido já informada que o sr. Director Geral dos Desportos de nenhuma forma autoriza prolongamento da época legal, que termina em 30 de Junho corrente.

José de Eça

Stadium

Desde o n.º 1, 2.ª Série, cada exemplar, 2\$50

ARTE E BELEZA

proporcionaram patinadores estrangeiros e campeões famosos da especialidade em suas exhibições no Pavilhão dos Desportos

Não se olvidarão facilmente as demonstrações de patinagem artística que alguns famosos campeões — belgas, ingleses e saíços — vieram fazer ao Pavilhão dos Desportos, aquele recinto do Parque Eduardo VII que, em tão boa hora, a edilidade lisbonense resolveu adaptar para práticas desportistas. Bem hajam — todos eles, e, especialmente, todas elas — pela lição que deram e deve, certamente, servir de estímulo às nossas praticantes. Que, diga-se, em abono da verdade, as portuguesas não se diminuíram no confronto — e que difícil competição! — com as «maravilhas» da Europa. Claro que elas, eles e elas, são infinitamente superiores, pela perfeição das figuras feitas de prática e exercício constante, mas certo é que as nossas gentis compatriotas não se inferiorizaram em demasia de modo algum. E ganharam, até, em desenvoltura e graça — porque, nesse particular, as senhorinhas lisitanas levam a palma a quantas «girls», «mesdemoiselles» ou «Israelins» por aí apareçam...

A patinagem artística está ainda pouco desenvolvida entre nós. A falta de provas com carácter oficial — quando é que se disputará o primeiro campeonato da modalidade?! — obriga a trabalho de particulares, e, esse mesmo, não tem tido a compensação devida. Poucos são os praticantes, podendo, até, contar-se pelos dedos de ambas as mãos... Não tem havido incentivos de espécie alguma — nem frequência de reuniões que justifique o almejado aperfeiçoamento. Vive-se, ainda hoje, da iniciativa particular e do entusiasmo e da dedicação de uns quantos «professores» (?) — sem a necessária preparação prévia — que nem sequer tiveram mestres competentes que lhes ensinassem o pouco que sabem. Mas que já é muito! Claro que a aprendizagem, nestas condições, não p. de resultar — como devia e era preciso. José Soares, juntamente e justificadamente considerado o patinador artístico português n.º 1... aprendeu aquilo que executa — de sua conta e risco! E os outros?! Poucos são! Xavier de Araújo, Leonel Costa, Germano Magalhães, Carlos de Oliveira, Mário Lopes, Alberto Faria, Ernesto Nascimento... Quantos mais?! Tudo que sabem é rader e simples — e por isso não podem ensinar melhor; e não podem... porque também não lho ensinaram!

Custa-nos, sinceramente, escrever o que acima fica. Mas a verdade não se nega a ninguém. E não constitui segredo que a patinagem artística, em Portugal, está ainda... na infância! Por que se espera, pois, para lhe dar o ramo conveniente?! Já que somos campeões do Mundo em que em patins, bom seria começar a cuidar-se mais a sério da patinagem artística — sobretudo da patinagem artística feminina. Onde estão as sucessoras de Maria Helena de Sá, de Aldina de Montargil, de Gina Campos e de Ione Torres?! Ainda foram, estas, as melhorzinhas praticantes lisitanas... E' certo que a Edite Cruz tem valor; que a pequenita Maria Antónia de

Vasconcelos é uma promessa; que a Maria Helena Simões já afirmou qualidades a desenvolver; que a Quina Baptista continua a manter o «fogo sagrado» com a mesma devoção de há uns anos; que a Tila Pedroso tem imensa vontade... Enfim! Mas tudo isto não basta! Não chega! É preciso continuidade de provas, especialmente de competições oficiais, pois só assim poderá haver selecção e se atingirá a perfeição. Que, ao menos, a vinda até nós de campeões famosos servisse para criar estímulo — algo se aproveitando dos seus bons ensinamentos.

Na pista do Pavilhão dos Desportos viveram-se, durante os intervalos dos jogos para os campeonatos de hoje do Mundo e da Europa, momentos inolvidáveis de arte e de beleza, atitudes magníficas, escauteis, dignas de cinzel de um mestre. Não se esqueçam como facilidade esses fugidios minutos de exhibi-

ção. A gracilidade das senhorinhas, a sua desenvoltura e elegância, a perfeição com que desenharam as figuras clássicas da patinagem artística, num ritmo certo e seguro mas quase sempre com derivantes, encantaram, positivamente, a assistência. Ainda se não tinha visto espectáculo assim! Fernand Leemans e Elvire Collin, campeões da Bélgica e da Europa, constituíram, seguramente, o par mais gracioso. Que bailarinos admiráveis! E que facilidade — facilidade apenas aparente, porque tudo aquilo deve ser difícil — no encadeamento das figuras apresentadas. Eles conquistaram o público — desde a noite de estreia — e mantiveram-se sempre no mesmo nível. Que bem dançaram foi o «Bolero», de Ravel, e que bem, também, o bailado «Dança apche». Leemans e Elvire tiveram as honras daquele maravilhoso torneio de arte desportiva. Mas agradaram de igual modo os saíços Grithy Müller, Ursula Wehrli e Karl Peter, campeões da Europa, e os britânicos Jean

Phethean e Kenneth Byrne, campeões da Inglaterra.

As quatro simpáticas senhorinhas estrangeiras — Elvire, Jean, Ursula e Grithy — maravilharam o público. Perfeitíssimas. Sabendo realmente bem o que faziam. Com a vontade. Com desenvoltura. Com verdadeira feminilidade. Todas elas muitíssimo bem. Mas Leemans e Peter são «esses» de nomeada. E Byrne, apesar do seu tipo de lutador de lepra e da indumentária leitíssima com que sempre se apresenta, é, na realidade, um patinador de mérito. Dir-se-ia que os sete campeões de patinagem eram artistas profissionais consumados. Mas não! Trata-se de amadores... em viagem! Mas que bem que todos eles se exibem. A simplicidade da execução de figuras de classe — o «pião» é perfeitíssimo, então, como a «esparagata», o «avião largo» e, os «serpenteados», com um mínimo de distância entre cada um dos passos — deca-nos a ideia exacta do aperfeiçoamento a que pode conduzir o treino aturado. Bem. Tudo. Muitíssimo bem.

Não vimos acrobacia nem excentricidade. Cremos que está, porém, ao alcance de todos — mas a perfeição foi o forte das exhibições. Elegância. Ritmo. Acerto no conjunto e encadeamento dos exercícios, ligados, com absoluto domínio do patim. Atentemos os nossos praticantes em tudo isso — e, muito especialmente, nos viragens, nos saltos, nas travessias e nas mudanças de pé. Que domínio. Que certeza. E que prática é preciso para se atingir tal perfeição... Leemans e Elvire, esta uma simpática de rapariga, qual gráci b. nequita de «biscuit», foram os reis da patinagem. Seguiram para Espanha, aonde, por certo, alcançaram igual ou maior êxito. Ursula — outro mimo; tal qual Grithy, mais senhora, e, por consequente, mais vigorosa; e ainda Jean, pequenina, tipo-boneca de montra.

As senhorinhas portuguesas devem ter aprendido algo. E os nossos «professores» (?) também — que, regra geral, são amadores e entusiastas. Por isso mesmo merecem ser acarinados e auxiliados. Que lhes tenha servido de lição — e dela tirem, estamos certos, o ensinamento conveniente. Para poderem vir a ser «mestres». Como mestres são os do que em patins. Eis os votos que formulamos e seja isso — oxalá que sim! — num futuro muito próximo. Que, verdade, verdadinha, não nos envergonhamos a olhos de estrangeiros — pois quem dá o que tem a mais não é obrigado...

Jorge Monteiro

OQUEI EM PATINS

Um quarto de século de actividade

Entrou-se, a partir de ontem, no 25.º ano de actividade do quei em patins.

Um quarto de século é realmente bonito para desporto que culminou — e até onde o conduzirá o manifesto entusiasmo de dirigentes e praticantes?! — com a conquista dos títulos de campeão do Mundo e da Europa! Quer dizer: a disputa do XXV campeonato de Lisboa, a competição mais antiga de carácter oficial, dá à modalidade foros de acontecimento — que deve festejar-se. Neste ano, porém, outras circunstâncias existem, ainda, para maiores motivos de regozijo: o regresso, tão apetecido, do «velho» Quei Clube de Portugal, pioneiro da modalidade e seu primeiro campeão; as estreias do Naval Setubalense e do Parede; e finalmente, a subida (de dez para treze) dos concorrentes ao torneio, agora, como em 1944, repartido por duas séries.

O aparecimento de novos — neste caso com o regresso do mais antigo dos clubes praticantes, a cuja direcção preside Rogério Fatscher, um «veterano» das lides oquistas — deve sempre constituir acontecimento de monta. Quantos mais — melhor. Mas também se deseja que não tenham vida efémera, como sucedeu, por exemplo, com o Desportivo dos

Tabacos. E não se desinteressem, a partir de certa altura, eis o caso do Sporting, que foi o primeiro campeão nacional de quei em patins, em 1939, com Gastão Silva, Alvaro Lopes, Alvaro Rato, Júlio Sanches, José Manuel Carneira e Alberto Mendes. A propósito: quando se dará o tão falado e apetecido regresso do Sporting? Não esquecer, também, que o Lisboa Ginásio — e quantos mais?! — prometeram a sua colaboração oficial...

No torneio de 1947 tomaram parte 13 clubes: Académica da Amadora, Benfica, Campo de Ourique, Cascais, Futebol Benfica, Quei de Sintra, Paço de Arcos e Sporting de Oeiras, clubes que ficam constituindo a 1.ª divisão; Ateneu, Lisgás, Naval Setubalense, Quei C. P. e Parede, na 2.ª divisão. Lisboa — conforme, aliás, tem sucedido ultimamente — está em minoria; é maior a representação dos arredores, com as equipas da Amadora, Cascais, Paço de Arcos, Sintra, e agora, Parede. Igualmente Setúbal aparece pela primeira vez a compartilhar de uma competição oficial do quei em patins. Ocorre perguntar: porque não se constitui a associação local?! Um só clube, é certo, mas talvez que o exemplo do Naval fortifique breve. Oxalá que sim.



A equipa vencedora da «Taça de Ouro da Península». Da esquerda para a direita: José Carvalho com «Tete», major Helder Martins, com «Optus», Correia Barrento com «Raso» e Henrique Calado com «Refused». Em baixo, à esquerda, saltos dos cavaleiros portugueses: à direita — os espanhóis em acção. Damos o nome das suas montadas:

A TAÇA DE OURO DA PENÍNSULA

FOI GANHA PELA EQUIPA NACIONAL



O «REFUSED»...



A «PALOMERA»...



O «OPTUS»...



O «SATIRICO»...



O «RASO»...



O «FORAGIDO»...



O «TETE»...



O «LEQUEITIO»...

PORTUGAL obteve brilhantemente a sexta vitória consecutiva na «Taça de Ouro da Península», a mais importante prova colectiva que portugueses e espanhóis disputam desde 1924. A deste ano deu a Portugal a posse definitiva da 3.ª taça (a 5.ª que se disputou) e pode dizer-se que o triunfo foi merecidíssimo pela maneira superior como vencemos nos três últimos anos.

O público soube tributar aos vencedores todo o seu entusiasmo, aplaudindo a equipa que mais se distinguiu e que com brilho conseguiu impor o seu valor, sem deixar de reconhecer no entanto que os cavaleiros espanhóis ficaram desta vez muito aquém das suas possibilidades, não só por manifesta inferioridade, como também porque a escolha dos cavalos não foi a mais indicada.

Surpreendeu-nos a exclusão de «Ranchero» e de «Batato» que talvez tivessem actuado melhor do que «Lequeitio», que de resto o Comandante Nozueiras montou com o habitual desembaraço, e do que «Foragido», este seriamente prejudicado na 1.ª mão da prova por um erro de percurso do comandante Marcelino Gavillan.

Dos quatro cavalos espanhóis «Palomera» foi a que melhor actuou, terminando com 12 pontos de penalização sem, contudo, nos dar aquela nota de regularidade que lhe conhecemos e que o comandante Garcia Cruz dela arrancou noutras provas. Em contra-partida «Satirico» foi de todos o menos brilhante provocando duas quedas ao cavaleiro, tenente-coronel Domínguez, e recusando-se a saltar os obstáculos.

Da equipa portuguesa há que salientar «Optus» que, com o major Helder Martins, terminou sem faltas o primeiro percurso e teve no segundo um só derrube. Deu confiança à equipa que desde o começo da prova se manteve na vanguarda da classificação.

«Refused», que o tenente Henrique Calado conduziu com o seu costumeado entusiasmo, «limpou» na primeira mão e teve dois derrubes na segunda, ao transpor o último duplo.

«Raso», conduzido bem pelo capitão Correia Barrento, penalizou-se apenas com 4 pontos em qualquer dos percursos, fazendo boa prova.

«Tete» foi o mais infeliz, visto que além de três derrubes no conjunto das duas mãos, provocou, no duplo de «oxers», a queda do capitão José Carvalho que, de resto, o montou correctamente. Talvez que a inclusão de «Zuari» tivesse sido mais feliz, dada a sua categoria e atendendo à dificuldade da prova. É um animal com mais possibilidades.

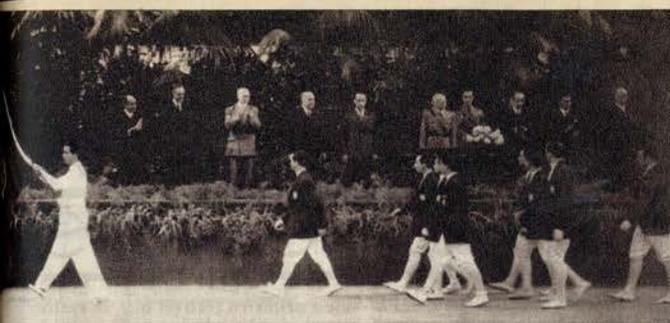
Seja como for! Portugal ganhou mais uma vez a famosa «Taça de Ouro da Península», conseguindo o 10.º triunfo e, como dissemos, a posse do 3.º trofeu.

Para o ano nova taça e quem sabe se nova vitória. Esta bem a mereceram os nossos cavaleiros que, no conjunto dos três anos, marcaram 52 pontos contra 136 dos espanhóis. A outra ver-se-á...

É sempre difícil prognósticos quando os valores se igualam e os êxitos dependem, como no hipismo, de tantos factores.

Antas Teixeira

Campeonatos MUNDIAIS de Esgrima



O desfile das equipas. Passa a formação portuguesa, vendo-se na praça o sr. Marechal Carmona



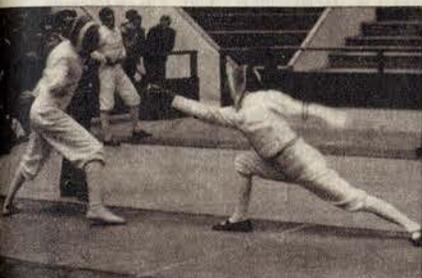
Um elegante friso de senhoras concorrentes. Todas quantas se inscreveram no Campeonato do Mundo



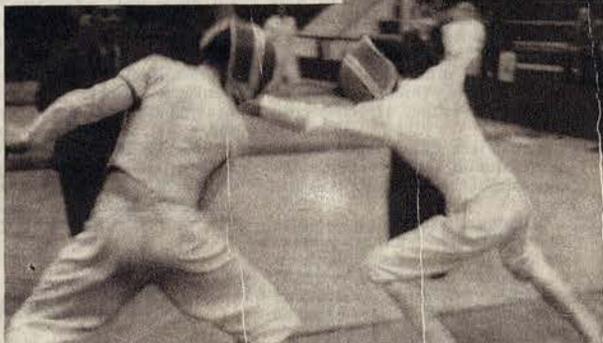
A equipa francesa



A equipa italiana



Uma fase do encontro Itálio-Esp.



Entre um francês e um italiano luta-se com energia



O sr. Paul Anspach, presidente da F. I. E., dirige o encontro das representantes femininas da Itália e da Dinamarca



Indivíduos conhecidas na esgrima mundial que assistem aos encontros: Jacques Controt, presidente eleito da F. I. E., Van den Heuve, vice-presidente, e Rewé Levy, da Federação Francesa



José Jorge de Figueiredo, português, considerado o mais novo esgrimista do Mundo



O já famoso jovem francês D'Orsiola, campeão do Mundo de florete, que impressionou todos os assistentes. Ouve as instruções do seu chefe de equipa

PRINCIPIOU o campeonato do Mundo de Esgrima! O acontecimento rodeia-se de extraordinária importância e para Portugal o facto tem dois motivos de especial interesse: a honra de organizar a grande competição mundial e pôr em contacto com as formações estrangeiras os nossos esgrimistas, sabido que ante os visitantes vem atradores dos melhores. As nossas equipas formadas à base de esgrimistas jovens, acusam de facto qualidades admiráveis mas a grande falta de contacto interacional. Este pormenor, quanto aos atradores portugueses, é de sobejo importância e os resultados não-de por certo sentir-se mais tarde, pois que tanto os atradores como os dirigentes colherão boa soma de indicações técnicas. No entanto, embora tenham averbado maus resultados, os esgrimistas portugueses têm defendido com dedicado entusiasmo a sua presença, batendo-se quanto lhe tem permitido a superioridade dos adversários.

Uma outra nação está neste campeonato mundial em circunstâncias idênticas, a Espanha.

Nas equipas das outras nações os valores aparecem em todas as «poules» — conjuntos fortes, de excelente técnica e denunciando claramente os resultados benéficos do contacto.

Mas, de uma maneira geral, os Campeonatos do Mundo que se estão disputando em Lisboa, constituem uma bellissima jornada de desporto internacional. À honra que nos foi dada correspondemos com uma organização perfeita da Federação Portuguesa de Esgrima e pudemos felizmente oferecer aos esgrimistas de todo o mundo que estão entre nós as condições magníficas de um recinto aprovado e ao qual têm dedicado palavras de louvor.

* * *

O Pavilhão dos Desportos que não há muitos dias, era um recinto ruidoso pelos entusiásticos clamores da multidão que acompanhou o campeonato do mundo de hoje em patins, reveste-se agora de um ambiente muito diferente. O silêncio impera, deixando ouvir o toque das lâminas entre os esgrimistas que se batem e por todo o pavilhão — claro e alegre — vai um sussurro de idiomas diferentes, se bem que o francês seja no entanto a linguagem que mais se fala, e o entendimento é perfeito.

À volta do recinto estabelecem-se grupos, seguindo os esgrimistas que mais interessam, e em todos eles a mulher estrangeira está presente, com o seu à vontade e seu feitio desportivo. Um ambiente internacional paira por todo o pavilhão onde vemos figuras do maior prestígio na esgrima internacional.

(Continua na página 6)

O jovem D'Oriola

e a equipa da França impressionaram os amadores do florete

(Continuação da pág. anterior)

Portugal, Espanha, França, Itália, Bélgica, Hungria e Egipto disputaram as eliminatórias da prova de florete, por equipas, logo após se ter procedido à inauguração dos campeonatos — desfile de todos os concorrentes, saudação ao Chefe do Estado, algumas palavras do sr. Mário de Noronha, presidente da Federação Portuguesa de Esgrima, e juramento de honra dos concorrentes.

França e Itália revelaram desde logo a sua grande superioridade técnica nesta prova de florete, pelas vitórias totais que os seus esgrimistas alcançaram sobre todos os adversários. São de facto duas equipas fortíssimas estas de franceses e italianos.

Buhon, Rommel, Bognol e o jovem D'Oriola defenderam com brilhantismo a posição favorável que se lhes deparou logo no início da prova de florete.

Mas a equipa italiana, com G. Nostini, Ragno, di Rosa e R. Nostini, teve comportamento magnífico. Empregando a fundo a sua técnica ao florete, os italianos foram um fortíssimo adversário dos franceses. Nestes destaca-se desde o primeiro dia o seu mais jovem atirador, D'Oriola — 18 anos e uma intuição para o nobre desporto que acompanha com visíveis primores de técnica.

A Bélgica e o Egipto, por vezes, equilibram-se, se bem que os belgas tenham levado vantagem. No entanto, os egípcios dificilmente cederam e demonstraram ser bastante conhecedores de esgrima.

Desde as primeiras horas da manhã até já noite fechada as lâminas finas dos esgrimistas cruzaram-se com entusiasmo no amplo recinto do Pavilhão dos Desportos.

Tem havido dias em que as «poules» se prolongam até às 23 horas — esforço formidável a atestar a magnífica resistência física dos atiradores.

As várias «poules» eliminatórias para o campeonato individual de florete puseram em movimento as cinco parcelas e, depois, sucessivamente, os quatro grupos de atiradores foram classificando-se para a 1.ª e 2.ª meias finais.

Portugal não conseguiu ir muito longe. Gouveia Franco, José Figueiredo, Edmundo Franco, Massano de Amorim, Arménio Lopes e Pedro Vinha defenderam-se com brio, mas não chegaram à 1.ª meia final, onde já o duelo França-Itália existia e se consolidou para a final com a comparação de cinco atiradores italianos e três franceses.

A grande classe dos esgrimistas das duas nações ficou comparada nesta prova individual. Assaltos houve em que o entusiasmo chegou ao rubro, espicacado pela beleza da técnica empregada e pela velocidade que os atiradores imprimiram em alguns dos assaltos. A luta entre os esgrimistas italianos e franceses teve momentos emotivos que aumentaram na parte final do campeonato.

A França voltou a vencer, conquistando o título por intermédio do magnífico D'Oriola, que no assalto decisivo se encontrou com o italiano Di Rosa — um fortíssimo atirador. Até esse momento os dois esgrimistas só contavam vitórias. Foi, até agora — final do campeonato do florete — o momento mais belo destes mundiais de esgrima.

Um atractivo — os campeonatos femininos. O grupo de atiradoras estrangeiras pôs uma nota de beleza nestes campeonatos do Mundo.

Todas de perfis esplendidamente desportivos, as senhoras que se deslocaram a Portugal demonstraram amplamente os seus conhecimentos de esgrima. Os seus dois torneios — o colectivo e o individual foram disputados com extraordinária energia e em todos os assaltos a técnica foi boa.

A equipa dinamarquesa é um conjunto forte, evidenciando-se em todos os assaltos, especialmente Olsen.

A austríaca Zaackel igualmente impressionou, assim como a francesa Malherbaud e a italiana Libera.

Claro que neste grupo de esgrimistas um perfil feminino sobressai com inegável merecimento: o da olímpica Ellen Preis. A gentil austríaca, detentora do título de campeã olímpica de florete, soube demonstrar a razão da fama que rodeia o seu nome no mundo desportivo. A sua vitória na prova feminina individual foi brilhante.

Por equipas, a Dinamarca obteve boa vitória, vencendo a França e a Itália, também equipas de muito merecimento.

No momento em que fechamos esta edição da nossa revista, vai dar-se começo ao campeonato de espada. Concorrem os portugueses, desejosos de firmarem o prestígio que já alcançaram no estrangeiro nesta arma.

Henrique da Silveira, Rui Mayer, Jorge Oom serão os nossos representantes.

A NOVA PISCINA DO PEDROUÇOS

O Club Sportivo de Pedrouços, simpática e prestante agremiação que, há vinte e sete anos, tantos e tão relevantes serviços tem prestado aos desportos náuticos, inaugurou, no domingo último, a sua piscina de 25 metros, local onde se poderão realizar, portanto, competições com vista à obtenção de «tempos» oficiais.

Ampliando inteligentemente o seu pequeno tanque de 16,66x6 metros, para uma piscina de dimensões regulamentares, o Clube Sportivo de Pedrouços pode muito legitimamente orgulhar-se pelo valor do empreendimento a que, em hora feliz, e com tanto êxito, metteu ombros.

A natação lisboeta fica, assim, dotada com a sua segunda piscina de dimensões oficiais, que se torna necessário aproveitar, especialmente para reuniões de propagação da modalidade, e para estímulo da colectividade que tão corajosamente vem lutando com a aridez que a assola há alguns anos já, e de que, tudo assim o parece indicar, sairá triunfante.

Como é natural, domingo último, o Pedrouços esteve em festa. Festa simpática, festa de desportistas, nela pairou bem alto o espírito de dedicação dos seus dirigentes, nela esteve bem patente aquilo de que o Pedrouços é capaz.

Luís Rosa, sem desprimor para ninguém, a alma desta iniciativa, explicou, em breves palavras, o significado da festa.

Saudou a massa associativa e os atletas. E teve, sobretudo, palavras de fé nos destinos da colectividade e as suas instalações futuras.

Procedeu-se, depois, à inauguração simbólica da piscina: o grande campeão de outros tempos Luís Alves Miguel, à voz do comandante Henrique Tenreiro, atirou-se à água, e percorreu, por entre aplausos, a distância de 25 metros.

Seis colectividades — Algués, Estoril, Pedrouços, Nacional, Cuf e Paço de Arcos — estiveram presentes

no primeiro festival que se realizou na nova piscina de 25 metros.

O grande duelo travou-se, como é natural, entre as turmas do Estoril e de Algués, e nele residiu, em grande parte, o êxito do festival, que teve a presença do público numeroso e entusiasta.

Eduardo Murta Barbeiro (S. A. D.) ganhou muito bem os 25 metros-costas, iniciados, em 17,2 s., prova em que é, também, digno de relevo o segundo posto alcançado pelo nadador do Nacional de Natação, Bernardo Reis Leite, (19,6 s.).

João da Silva Marques — o «veterano» Silva Marques de tantas tardes de glória — foi, ainda, o vencedor dos 100 metros-bruços, que correu com a sua energia habitual, ainda que num «tempo» que está longe do seu melhor: 1m, 26,6 s. Artur Mendes Silva (1m, 29,5 s.) e Adriano Rodrigues (1m, 33,2 s.) animaram a corrida.

O «internacional» Mário Simas deu-nos a melhor marca da tarde: 1m, 42 s., nos 100 metros-livres. Nos 100 metros-costas, averbou novo triunfo, em 1m, 16,2 s., seguido de outro «internacional», João Pereira Bastos (1m, 21,4 s.).

O entusiasmo do público culminou, no entanto, na estafeta de 7x25 metros-livres, graças ao emocionante duelo travado entre os elencos do Estoril e do Algués.

Os rapazes da Costa do Sol — com Simas no último percurso — venceram com brilhantismo, cobrindo a distância em 1m, 39,9 s., contra 1m, 41,1 s., do S. A. D.

Foi esta prova, afinal, que decidiu da pontuação, que ficou ordenada do modo seguinte: Estoril-Praia, 31 pontos; Algués, 30 p.; Pedrouços, 25 p.; Nacional de Natação, 22 p.; Cuf, 7 p. e Paço de Arcos, 5 p.

Findas as provas, teve a direcção do Sportivo de Pedrouços a gentileza de reunir, no seu gabinete, várias entidades, atletas, representantes dos clubes e da imprensa, a quem ofereceu uma merenda.

Abreu Torres

TOUROS

NO CAMPO PEQUENO

A 1.ª nocturna do Campo Pequeno teve boa entrada, mas más saídas, porque dos touros do sr. dr. Emilio Infante só um foi francamente bravo, o 1.º, que coube a José Rodrigues, confirmando o cavaleiro da Chamusca o seu êxito anterior, e referendando-o no 2.º touro da tarde. Menos feliz foi Manuel Conde que, no entanto, tem público.

A Juanito Belmonte coube o manso mais declarado da noite, no qual nada pôde realmente fazer, e começou a chover na altura do seu 2.º, que lhe permitiu algumas coizas boas, ainda que mais pudesse somar.

O triunfador da noite, como de

todos os dias, foi Carlos Arruza, porque, como Manolete, justifica o dinheiro que ganha, fazendo tudo por satisfazer o público, e conseguindo-o. Está melhor com a capa, continua um bandarilheiro excepcional, e usa da «muleta» com tanta valentia e vontade que as ovações sucedem-se.

E, por não haver espaço para mais, registaremos que os forcados de Riachos foram mais felizes que os anteriores. E que de Tomar chegou a notícia de mais um êxito de Simão da Veiga, em touros de Coimbra e com José Castelo, Augusto Gomes e Manuel dos Santos.

Rogério Perez

Sludium

Ano V — 11 Série — N.º 235
Lisboa, 4 de Junho de 1947

Revista Desportiva

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa Cidade João Gonçalves, 19-3.º
Telefone, 45903 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe de Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade de
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA

Nos Campeonatos de Principiantes

Notícias do San Lorenzo

No número de 21 de Fevereiro da revista argentina «El Gráfico» publica-se um artigo de Vauzini, um dos acompanhantes da equipa do San Lorenzo de Almagro na sua digressão pela Península, onde é apreciado o êxito da viagem.

As referências de ordem técnica têm bastante interesse; assim, diz, por exemplo, o autor referindo-se ao jogo espanhol: «quanto ao jogo espanhol, direi que, se houve dureza nos encontros com o San Lorenzo, não foi por tratar-se de um visitante e pelo lógico desejo de lhe ganhar. É porque em Espanha se joga actualmente dessa forma e se antepõe a «fúria» à técnica. Assistimos a encontros entre grupos espanhóis e talvez neles se haja jogado ainda com maior dureza».

Outro comentário curioso: «As bolas pesadas que os espanhóis usam e a forma como protegem as pernas para suportar este futebol tão duro é a razão que, a meu ver, os impede de realizar jogo mais virtuoso. Nenhum dos nossos jogadores, mesmo o mais hábil, poderia desenvolver toda a gama dos seus recursos com essas bolas e essas caneleiras que parecem chumços. É realmente impossível. Uma bola de futebol espanhol pesa tanto como dois pares das nossas. Experimentá-las algumas dessas bolas e não as podíamos dobrar; assim não existe possibilidade de domínio da bola e sucede que os jogadores dão bicanços com frequência, porque com tal calçado não há processo de atirar de outra maneira».

Em relação a Portugal, lê-se: «Joga-se em Portugal menos duro do que em Espanha. Fomos lá obsequiados com títulos nos jornais diários, como estes que seguem: «O futebol, na mais pura expressão de arte, foi interpretado pelos famosos jogadores do San Lorenzo»; «Os avançados do San Lorenzo, primeiros violinos de uma orquestra ofitadíssima», e mais no mesmo estilo».

«O Estádio Nacional de Lisboa é realmente formoso. É tudo tão lindo, incluindo a relva, que até dava pena pisá-la».

O artigo conclui com as seguintes palavras, que poderemos meditar: «O mais importante, para nós, é que em nenhuma parte encontramos organizações desportivas equiparáveis às nossas, essa multidão de rapazes com suas maletas a caminho dos clubes. Sob esse aspecto e graças ao esforço das nossas entidades desportivas, creio que se realizou uma admirável obra de benefício social, que cada vez mais se estimula. Falávamos às vezes destas coisas com os companheiros. Recordávamos as nossas iniciações no desporto, os rapazes que jogam o basquete, os que praticam a pelota, o ténis, o rugby, a natação e o atletismo, todas as modalidades; pensávamos

no que são os nossos clubes, com futebol ou sem ele, a actividade que desenvolvem, e concluíamos que em nenhuma das cidades visitadas presenciámos espectáculo semelhante. Nos nossos bairros mais afastados encontram-se clubes importantes e que progredem de dia para dia. Nos fins de semana vêem-se milhares de campos de vários desportos cobertos de praticantes; tudo isso é realmente maravilhoso e demonstra que, ainda que se não alcancem triunfos retumbantes nalgumas modalidades, conseguiu-se um magnífico desfile de garotos, com seus equipamentos, rumo aos clubes».

Sua Majestade o Futebol

Predominando sobre todas as modalidades, o futebol e as suas complicações repercutem seus ecos na sociedade desportiva com tamanha insistência, que perturba o conceito geral de muitos orientadores e dirigentes. Parece-lhes exagero e desviação.

Na realidade, o jogo da bola, viril, empolgante e belo na sua simplicidade, conquistou o Mundo, sem divergências.

Caberá aos psicólogos estudar e esclarecer as razões desta preferência universal, explicando quais os motivos por que o mesmo espectáculo seduz multidões de costumes dissimilares, de educação social distinta, de temperamentos autagónicos.

Pode supor-se, de acordo com o pensamento de Couberlin, que o encanto do futebol provém de que os espectadores encontram nas suas evoluções o reflexo da própria luta da vida, em alternâncias de defesa e ataque, na competição em torno dum objectivo que é preciso apanhar antes do adversário e onde mal vai a quem hesita, perde a coragem ante as dificuldades do triunfo.

Acima da lei do esforço individual, escreveu o criador do olimpismo moderno, que manda estar sempre pronto para seguir em frente, comanda a lei da solidariedade social, que coloca o indivíduo na dependência dos interesses da comunidade, a equipa social de que cada um faz parte como jogador disciplinado. Também na vida, o apito do destino-árbitro, muito criticado mas a cujas ordens inflexíveis ninguém se esquivava — nos corta bastas vezes a abalada decisiva para a vitória, porque houve falta de cuja alheia.

Os defeitos apontados ao futebol são, na maioria, da responsabilidade dos homens e dos costumes, não do jogo.

Sofre actualmente da deturpação de espírito desportivo que resulta da intoxicação progressiva pelos interesses materiais que a ele se ligam; aqueles que o praticam, fazem-no na grande generalidade animados por objectivos ou deveres que não coincidem com as definições idealistas,

houve excelentes resultados a contrastar com a organização deficientíssima

Começou francamente mal a temporada lisbonense de atletismo em pista; se o comportamento dos concorrentes foi satisfatório e se registaram resultados abonatórios de boa classe, a acção dos dirigentes responsáveis pela regularidade e boa ordem da sessão deixou muitíssimo a desejar. Ficou aquém dos limites daquilo que a condescendência pode permitir e justificar que sejam tomadas medidas excepcionais para impedir erros e deficiências que já não são admissíveis no estado de desenvolvimento actual do atletismo português.

Nada justifica o lapso verificado no curso da prova de saltos em altura, em que se mudou de barra, porque se partiu a que estava em uso, e não se verificou convenientemente se do facto resultaria qualquer alteração no nível da barra; nada explica que o juiz árbitro não constituísse a equipa de juizes de chegada, distribuindo-lhes funções; não se compreende a demora inicial e os longos intervalos, consequência apenas do egocentrismo de um elemento que quer abraçar toda a direcção e estar em toda a parte; não se deve tolerar que os componentes do júri acumulem funções de orientadores dos atletas do seu clube e esqueçam o seu lugar para abraçarem os vencedores.

No espírito do público causam estas ocorrências, e com razão, péssima impressão, prejudicando a propagação da modalidade e contribuem para o descrédito da orgânica desportiva.

Consideremos, porém, este aspecto da jornada como a confirmação de falhas já conhecidas, mas sempre toleradas por benévola condescendência e que certamente não voltarão a suceder; ocupemo-nos de preferência dos resultados técnicos, muito mais interessantes porque de valor bastante apreciável.

A classe média, num lote nu-

puras, do desporto. A situação geral define-se com propriedade nesta página de Joseph Jolinou, que vai servir de fecho ao nosso comentário: «Num dos últimos domingos interoguei um futebolista da nova geração, que voltava de jogar um encontro do campeonato: tinha ganho ou perdido, jogara bem ou mal? Eis o entusiasmo da sua resposta: «Foram muitos milhares de francos que entraram nos cofres do clube. Bateu-se o recorde da receita. Calei-me, voltei para casa e fui buscar uma bola de borracha para me distrair, brincando com o meu cão, «pelo de arames de admirável fofosidade nestes jogos. Porque a alegria do futebol é assim; é preciso praticá-lo e gostar dele com a inocência fofosa dum «foxx».

meroso de concorrentes, pode considerar-se regular, e dele emergem muitos rapazes com reais e notáveis aptidões: Myre Dorez, Teixeira Dinis, Casimiro, Guedelhas e António Fernandes, Jardim Xavier, Carlos Ferreira, Alvaro Moraes, Luís Falcão, Mário Soares e José Caetano, com alguns mais que poderíamos citar, representam um valor a prazo, suficientemente abonado para a capitalização do nosso atletismo.

O vencedor dos 60 metros, o sportinguista Myre Dorez, o corredor que foi internacionalizado antes de se estrear oficialmente, é um belo exemplar de velocista completo, que mais nos impressionou ainda no seu percurso de 250 metros na estafeta; vê-lo-emos este ano competir de igual para igual com os melhores e poucos o precederão, em Lisboa, no meta dos 200 metros.

O benfiquista Casimiro, em percurso de distância um pouco superior, 300 metros por enquanto, merece exactamente a mesma referência; colaborou com eficiência decisiva no belo triunfo que o seu clube alcançou na estafeta 3 x 250 metros, onde o recorde nacional foi batido com a excelente média de 30,97 segundos.

Na final dos 700 metros assistimos a duelo empolgante no último troço da recta e deixou grata impressão a autoridade com que Fernandes ultrapassou Guedelhas, o favorito; poder, decisão, inteligência, tática e boa passada mesmo no esforço derradeiro.

A prova de saltos à vara foi pródiga em incidentes e dois concorrentes sofreram de entorses no pé por queda sobre o bordo cimentado da caixa, que nos parece bastante perigosa. O vencedor, Soares, e o segundo classificado possuem apreciável estilo e parecem elementos aproveitáveis numa especialidade em que somos pobres.

Alvaro Moraes, batendo o recorde da categoria no salto em altura, comprovou as suas aptidões; vale 1,75 metros, desde já. Uma citação para Alvaro Mendes, o concorrente com mais perfeito estilo, aproveitando no máximo a sua elevação.

Finalmente, outro recorde foi batido, o do disco do quilo e meio, por Jardim Xavier, que alcançou 37,30 metros. A Federação deve regulamentar o tipo de disco de peso reduzido que emprega — talvez sem vantagem — para os principiantes.

Não existe nos regulamentos oficiais e não pode conceber-se que tenha as mesmas dimensões do disco de dois quilos, pois fica de densidade tão diminuta que se desequilibra no ar e não toma apoio na mão do lançador.

No conjunto, o Benfica apresentou a equipa mais numerosa e equilibrada; somou 50 pontos, contra 44 do Sporting, que brilhou mais pela categoria dos seus principais elementos.



A equipa do Benfica não deixou de atacar sempre que pôde. Sérgio 2.º, entretanto, correspondeu. Eis uma defesa das suas. Por baixo, à esquerda, um ataque dos encarnados que Moura desfaz com oportuna entrada de cabeça; à direita — um mergulho de Sérgio, para deter um remate raso de Arsénio. Em cima, ao lado direito, Sérgio 2.º, que substituiu Capela nas redes belenenses, como se sabe, cumpriu com as suas obrigações. Aqui o vemos numa defesa segura, apertado por Arsénio, que reconhece ter chegado tarde



Um mergulho decidido de Reis aos pés de Calado 2.º. Marques e Armando Ferreira observam o trabalho do seu guarda-redes



Sidónio remata fora do alcance de Carlos. A bola está perto da baliza



O grupo do Sporting, que derrotou o Boavista. E' «histórico» por lhe faltarem 8 «internacionais». Por isso é oportuno publicar-se...

Vitórias do BELNENSES e do SPORTING



O guarda-redes do Boavista, Carlos, saindo em falso, deixa que a bola fique ao alcance de Sidónio. Este aproveitou a ocasião como pôde...

Apontamentos para a história da sua prática em Portugal

VII — Os 10.000 metros e as provas de fundo

(Continuação)

Foi no ano de 1932 que se incluiu pela primeira vez no calendário da A. A. L. a corrida por estafetas de Cascais a Lisboa, que veio a ser, com o andar do tempo, a mais importante e popular competição etílica da temporada de Inverno.

Na época de estrea, o percurso era dividido apenas em quatro troços e venceu a equipa do Benfica (Armendo Silva, João Miguel, Ferinha e Manuel Dias) em 1 h. 16 m. 30 s., com 39 s. de avanço sobre o Sporting (António Marques, Diamantino Correia, Ceclio Costa e António de Almeida) e 2 m. 35 s. sobre a do Vendedores de Jornais



António Fonseca e Tiago Ribeiro, que ambos foram campeões nacionais de fundo

(António Pinto, Joaquim Barata, Adelino Tavares e Ernesto Silva). Correram mais cinco equipas.

Em 1933 já as equipas foram formadas por cinco corredores, que sucessivamente corriam, como ficou clássico, de Cascais ao Estoril, do Estoril à Parede, da Parede a Paço de Arcos, daqui a Algés e depois, o último, até a Alcântara.

Venceu o Vendedor de Jornais em 1 h. 15 m. 12 s. (Armendo Silva, Ernesto Silva, Francisco Carvalho, António Fonseca e Adelino Tavares), seguido pelo Sporting (Caria Junior, A. Marques, A. Almeida, A. Figueiredo e Henrique Carmo) e 1 m., e pelo Benfica (Anibal, Ferinha, Tiago, Manuel Maria e Dias) e 2 m. 21 s. e pelo Ouel Clube de Portugal.

O melhor homem do primeiro percurso foi Anibal Rodrigues em 5 m. 45 s.; no segundo, Ernesto Silva em 12 m. 25 s.; no terceiro, António de Almeida em 21 m.; no quarto, António Fonseca em 19 m. 15 s. e, no último, Adelino Tavares em 16 m. 37 s.

Em 1934 participaram apenas três equipas, que se classificaram pela seguinte ordem: Vendedores de Jornais (A. Gomes, E. Silva, A. Tavares, Amadeu Silva e A. Ferinha) em 1 h. 23 m. 40,2 s.; Benfica (Anibal, F. Carvalho, M. Dias, Tiago e Angelino Pinho), e 25,6 s. e Sporting.

No primeiro percurso, Anibal desceu o seu tempo para 5 m. 31 s., sendo todos os restantes tempos parciais piores do que no ano anterior.

A temporada em pista não foi além das três provas oficiais dos 10.000 metros: regional do Porto, Mário José em 35 m. 10,2 s.; de Lisboa, Adelino Tavares em 36 m. 0,2 s. e Nacional, onde não compareceram os corredores do V. J., Tiago Ribeiro em 35 m. 8,6 s.

A perspectiva não variou em 1935. Coutinho Mourão ganhou no Porto em 36 m. 25 s., Adelino Tavares no Regional de Lisboa em 34 m. 58,2 s. e no Nacional em 33 m. 28,4 s., com 16 m. 32 s. aos 5.000 metros.

A estafeta Cascais-Lisboa foi bastante concorrida e voltou a reunir oito equipas, representando cinco clubes. O Sporting averbou a sua primeira vitória, em 1 h. 19 m. 9 s. (Almeida, Fonseca, Tavares, A. Marques e Figueiredo), precedendo o Benfica (Anibal, Pinho, J. Correia, C. Correia, M. Dias) de 39 s., seguindo-se a segunda equipa dos «leões».

No terceiro percurso, Adelino Tavares estabeleceu novo mínimo com 20 m. 29 s.

Em 1936 o jornal «Os Sports» promoveu um interessante competição em estrada, que denominou «Pequena Maratona» e que consistia de três corridas, sucessivas de 15, 25 e 35 km., destinadas a preparar os nossos corredores de fundo com vistas à Maratona Olímpica.

Na primeira prova, cujo percurso seguia das Salésias ao Campo Grande, por Alcântara, Campolide, Laranjeiras e Lumiar, o resultado foi: 1.º Jaime Mendes (V. J.), em 51 m. 35 s.; 2.º Fonseca (Sp.), em 51 m. 53 s.; 3.º Adelino Tavares (Sp.) em 52 m. 26 s. e 4.º M. Dias (Bf.), em 52 m. 52 s.

Chegarão mais 32 concorrentes; Fonseca e Dias vieram sempre à cabeça, mas foram passados por Mendes no Paço do Lumiar.

A segunda corrida, de S. Pedro de Sintra, Cacém, Queluz, Carnaxide, Algés, até às Salésias, foi ganha por Manuel Dias em 1 h. 31 m. 46 s., vindo em seguida Tavares em 1 h. 31 m. 53 s., Jaime Mendes em 1 h. 35 m. 29 s. e António de Almeida; chegaram mais 11 participantes e entre os desistentes constava-se Fonseca.

Na última saída, Castanheira do Ribatejo, Vila Franca, Sacavém, Pote de Água e Estádio do Lumiar, Jaime Mendes confirmou a sua superioridade, em 2 h. 18 m. 2 s., batendo

DIAS DOS SANTOS campeão do Norte

fala-nos das suas aspirações



Dias dos Santos

O F. C. do Porto apresta-se esta época, disposto a animar o ciclismo nacional dispondo de uma equipa bem formada, com elementos capazes: Fernando Moreira, Onofre Tavares, Aniceto Bruno, Dias Santos e Joaquim Costa — um amador da última «Volta a Portugal».

Neste grupo, Dias dos Santos é uma boa promessa. Já na «Volta» afirmou qualidades. Trata-se de um entusiasta do ciclismo, modalidade que sempre desejou praticar. — Era o meu sonho (disse-nos há dias o jovem ciclista) mas só vi realizado esse desejo quando estive em Lisboa, incorporado na Marinha de Guerra.

— Correia então pelo Sporting...

— Isso mesmo. Foi em 1943. Com o amador, disputei e venci o «Circuito do Estoril» e fui de-

Fonseca, em 2 h. 21 m. 5 s. e Manuel Dias em 2 h. 22 m. 8 s.; só mais onze corredores concluíram o trejecto.

Na classificação, por adição de pontos, o primeiro lugar foi para Jaime Mendes, com 23 pontos, vindo após, Manuel Dias, 25 p.; Adelino Tavares, 21 p. e António Fonseca, 18 pontos.

A tradicional corrida Cascais-Lisboa, com cinco equipas presentes (o Sporting não alinhou nesse ano), foi ganha pelo Benfica (Tiago, F. Carvalho, Angelino, C. Correia e M. Dias) em 1 h. 16 m. 44 s., seguido apenas a 8 s. pelo Belenenses (Matos Henriques, Josefino Nunes, Nogueira, Valada e Herculano).

Matos Henriques belxou o tempo do percurso inicial para 5 m. 37 s. Os campeões de pista foram: no Porto, Coutinho Mourão, em 35 m. 23,2 s.; António Fonseca, em Lisboa, com 34 m. 51,4 s. e no Nacional com 35 m. 19,2 s.

Salazar Correia

(Continua)

pois campeão de velocidade em amadores-juniores.

«No ano seguinte, como amador sénior, fui campeão de velocidade e de lardo. Passei depois a «independente». As classificações, então, fraquejaram um pouco. Estava-se em 1945. Voltei para o Norte, vestindo a camisola do F. C. do Porto. No campeonato regional de lardo obtive um 4.º lugar. Vim a Lisboa ao Nacional, mas tive de desistir. Dispatee o «Circuito do Oeste» e rigamos provas de pista. No ano passado, tomei parte na «Volta a Portugal».

— E este ano, sente-se com boa disposição?

— Jalgo que poderei fazer alguma coisa. Sinto-me em boas condições. Fiz um treino caído. Provas de atletismo, montanhismo, e, depois, — a bicicleta.

— Ficou satisfeito com a sua corrida no regional portuense?

— Muito. Só tive pena que não corresse a meu lado o Onofre e o Fernando Moreira. Valorizara-se assim mais essa prova. Mas a média é que vale e como ela foi boa...

— Que pensa do incidente nessa corrida com o Aniceto Bruno?

— Casual. Chegada com automóveis a atravancarem o caminho, a na nesga que se abre entre dois deles e ca sprinter para ser o primeiro nessa passagem.

— Mas o Porto protesta?

— Sim. Talvez para que, a efectuar-se a segunda corrida, nos qualifiquemos para o Nacional.

— O Fernando Moreira e o Onofre estão dispostos a boa actividade este ano?

— Têm treinado com regularidade e as suas condições são boas. Onofre alinhará depois do Nacional.

— Já pensa na «Volta a Portugal»?

— Com o propósito de fazer boa figura. Com certeza que o 10.º lugar do ano passado há-de ser melhorado. Modéstia à parte, reconheço-me com qualidades.

— Está satisfeito no F. C. do Porto?

— Absolutamente. O ciclismo no meu clube está sendo muito bem auxiliado. E há muito interesse pela modalidade. Mais do que em Lisboa.

— Representa uma firma de bicicletas?

— Eu e toda a equipa do Porto: a casa Martano.

— Temos portanto de conter com um ciclista?

— O meu desejo é conseguir melhorar a minha posição na modalidade, para satisfação dos meus desrjos, que são também os do meu clube. Independentemente de mim, a equipa do F. C. do Porto vai constituir por certo uma equipa colaboradora da presente época de ciclismo.

São esperançosos as ideias do jovem ciclista nortenho. Aguardemos que elas se confirmem.

Fernando Sá

FUTEBOL

EM ESPANHA

Resultados dos jogos para a Taça do Generalíssimo: Espanhol-Sabadell, 2-0; Castellón-Madrid, 0-1; Celta-A. Bilbao, 1-0; Tarragona-Barcelona, 2-3.

Como se vê por estes resultados, as semi-finais de domingo último travaram-se entre Madrid e Bilbao e Español e Tarragona.

EM INGLATERRA

Principais resultados do Campeonato da 1.ª Divisão da Liga:

Arsenal-Liverpool, 1-2; Everton-Charlton, 1-1; Leeds-Portsmouth, 0-1; Sheffield United-Preston N. E., 2-3 e Sunderland-Brenford, 2-1.

BOXE

Uma vitória de Ray Robinson

O famoso pugilista negro Ray Robinson, actual campeão do Mundo na categoria dos «semi-médios», disputou um árduo combate com o científico «peso-médio» norte-americano George Abrams.

Foi difícil, no fim dos 12 assaltos, concordar com a decisão do árbitro, que atribuiu a vitória ao negro. Segundo o correspondente do jornal francês *Equipe*, o menos que Abrams merecia era um empate.

Holman Williams em decadência

O veterano jogador de boxe norte-americano Holman Williams reapareceu em Paris diante de Walzack. O pobre negro é hoje uma sombra pálida do que foi e acabou derrotado por pontos.

Os Campeonatos da Europa (amadores)

Efectuaram-se na cidade de Dublin (Irlanda) os Campeonatos europeus de Pugilismo Amador.

A França conquistou o maior número de vitórias, recebendo como prémio a Taça das Nações pela primeira vez. Em segundo lugar ficou a Inglaterra.

Eis a lista dos campeões apurados:

Mínimos: L. Martinez (Espanha). Levíssimos: I. Bogaes (Hungria). Semi-Leves: K. Kreuger (Suécia). Leves: J. Vissers (Bélgica). Semi-Médios: J. Ryan (Inglaterra). Médios: A. Escudie (França). Semi-Pesados: Quentimayer (Holanda). Pesados: Colmain (Irlanda).

Derrota fulminante de Bettina

O combate efectuado no Madison Square Garden de Nova York entre o campeão mundial dos «semi-pesados» Gus Lesnevich e o pretendente ao campeonato dos «pesados», Melio

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

NOTA DA SEMANA

Realiza-se em Estocolmo (Suécia), no dia 18 do corrente, um importante Congresso internacional, que reunirá cerca de cinquenta países. É levado a efeito pelo Comité Olímpico Sueco, sob o patrocínio e instigação do Comité Internacional, devendo discutir-se e resolver-se problemas desportivos do mais alto interesse comum, particularmente o da remuneração dos salários perdidos e a escolha da nação e da cidade onde se celebrem os futuros Jogos de 1952.

Conforme já dissemos nestas colunas, a Inglaterra, sempre intransigente no que respeita ao estatuto do «amador», parece disposta a tolerar que noutros países, embora ainda não dentro das suas fronteiras, sejam pagas indemnizações pelo tempo e salários perdidos, sem que tal procedimento se possa considerar profissionalismo.

Tanto Lord Burghley e Lord Aberdare como Sir Noel Curtis Benell, membros do Comité Olímpico Britânico e do Internacional, não podem concordar, intimamente, com uma disposição nova, embora justa, que fará tábua rasa de velhas e sólidas tradições.

Mas a necessidade de promover o máximo brilhantismo ao próximo certame olímpico de Londres, trazendo ao Estádio de Wembley o maior número de atletas, decerto que produziu decisiva influência e proporcionou uma transformação do critério e de doutrina verdadeiramente revolucionária.

A separação rigorosa entre profissionais e amadores conquistada do espírito de toda a gente, pela justiça da sua concepção, mas, como tudo quanto se apresenta extremo irredutível, merece reformar-se para se adaptar ao tempo presente.

Veremos como o próximo Congresso resolverá a questão.

R. B.

Bettina, durou uns escassos 50 s.

Lesnevich, logo de entrada, atingiu o seu adversário duramente no maxilar, atirando-o à lona três vezes consecutivas, o que levou o árbitro a conceder a vitória ao campeão do mundo dos «semi-pesados».

Como Melio estava cotado entre os mais prováveis adversários de Joe Louis, pode calcular-se o efeito desta derrota.

Uma vitória espanhola

Na praça de touros de Valência realizou-se uma sessão de boxe de certa importância.

No combate de fundo, Luis Romero bateu o italiano Kid Mario por fora de combate ao segundo assalto.

Na mesma sessão o nosso conhecido Llacer e o italiano Polo voltaram a empatar.

O campeonato europeu dos «semi-leves»

Em Londres, no Royal Albert Hall, combateram para o título dos «semi-leves» Al Philips, inglês, e Ray Famechon, campeão de França.

Este último teve a vitória nos punhos no 7.º assalto, enviando o adversário à lona cinco vezes, mas foi desclassificado por bater baixo pouco depois.

TÉNIS

Mme. Rurac não vai a Wimbledon

A grande jogadora romena, Mme. Rurac, que nós vimos actuar no Estoril há 3 anos, acaba de vencer o torneio de Harragate, ganhando à Sr.ª Molly Blair por 6/3, 6/2.

A crítica inglesa considera esta tenista como a única capaz de opor resistência às americanas e por isso lamenta que o governo da Roménia não consentisse a presença de Magda Rurac em Wimbledon.

ATLETISMO

Uma tentativa de Heino

O famoso campeão finlandês Viljo Heino, provavelmente o melhor corredor de resistência actual em todo o Mundo, encontra-se em Londres disposto a tentar bater um recorde do Mundo tipicamente inglês, o das 6 milhas planas.

Heino veio acompanhado do não menos famoso Paavo Nurmi, aquele que durante uma década figurou como o mais surpreendente maquinismo de corrida de fundo e que é detentor precisamente em 29 minutos e 36,2 segundos do recorde das 6 milhas em questão.

A tentativa efectuar-se-á durante os Jogos Britânicos de Atletismo.

Dois recordes marroquinos

Em Casablanca, durante a disputa da Challenge Baltenberger, o atleta Georges Damitio transpôs 1,º95 em altura e 7,º10 em comprimento, batendo os respectivos recordes do Norte da África.

E o europeu, do lançamento de peso

Na Estónia, o atleta Lipp atirou o peso de 7,257 à distância de 16,º66, batendo o antigo recorde da Europa, que pertencia ao alemão Woelke (16,60). Lipp fez antes disso 16,56 e 16,47.

Wanmerdam reaparece

O recordista mundial do salto à vara, Wanmerdam, reapareceu depois de longa ausência das pistas e saltou 4,º42, empatado com G. Smith.

CICLISMO

A Volta a Espanha

A maior surpresa desta corrida de estrada e grande fundo produziu-se agora no fim da décima segunda tirada, entre Bilbao e Santander.

Foi o catalão Costa, que, escapando-se do pelotão pouco depois da partida, subiu à frente de todos os concorrentes as encostas mais importantes, colocando-se à frente da classificação juntamente com o belga Van Dyck (a 5 minutos) e Délio Rodriguez (a 7 minutos).

Este mesmo corredor Manuel Costa, que se revelou extraordinário a galgar as cotas, classificou-se no primeiro lugar no Prémio da Montanha.

TIRO

Os campeonatos de Madrid

O Grande Prémio de Madrid de Tiro aos Pombos foi ganho depois de grande luta por José de la Lastra, que matou 26 aves consecutivas. Em segundo lugar classificou-se o português Cardim, com 25 em 26, fazendo uma prova magnífica.

O ESTORIL venceu o ATLÉTICO



Vieira, numa attitude quase correcta, remata depois de ultrapassar José Lopes



Uma excelente defesa de cabeça, por parte de Baptista



O Atlético está ao ataque. Mas os alcantarenses não conseguiram nesta jogada, bater Sebastião



Um remate de Rendas, não chegou às redes de Szabo



Outro remate dos setubalenses. Mas não marcaram, neste jogo

OS ESTUDANTES ganharam em casa



Uma defesa de Baptista. O remate pertenceu a Bentes

O Clube Sportivo de Pedreços inaugurou a sua bela piscina de 25 metros, que se vê ao lado. Houve festa, simpática, sendo louvado o esforço dos dirigentes do popular clube.



Todos os Desportos



Disputaram-se os campeonatos regionais de atletismo, principiantes. Em cima, Mira Dorez, do Sporting, ganha os 70 metros; em baixo, o vencedor da vara no salto que lhe deu o título



O Lisboa Ginásio Clube realizou na sua sede um sarau que decorreu com animação. A apresentação das classes é feita com a correcção que pode ver-se por esta gravura



O Rio Seco S. C., comemorou recentemente o seu 15.º aniversário. Promoveu um torneio de basquetebol, que decorreu com muito brilhantismo. Concorreram as equipas de juniores do Atlético, Belenenses, Benfica e Boa Hora, mas os jovens representantes do Rio Seco levaram a palma a todos os adversários ganhando a Taça em disputa. A festa assistiu a ilustre esposa do sr. Marechal Carmona e o sr. dr. Mário Madeira, Governador Civil de Lisboa. A gravura, apresenta o grupo vencedor



Disputou-se o jogo Sporting-Belenenses, para o campeonato de Portugal em Andebol. O primeiro ganhou por 5-4. Em cima — o grupo vencedor; em baixo — o grupo vencido

O CLUBE DESPORTIVO ALCOYANO

um clássico representante da fúria espanhola

Madrid, Junho, especial para «Stadium», de RAMON MELCON

Um clube espanhol, desconhecido em Portugal, vai jogar próximamente alguns encontros em terras lusitanas. O Clube Desportivo Alcoyano, ou Alcoyano, como vulgarmente se denomina em Espanha, é o encerrado de levar aos futebolistas irmãos uma amostra do que é o nosso futebol.

Os portugueses, excelentes em matéria futebolística, têm sabido eleger o clube do momento. O Alcoyano é, desde há pouco mais de um mês, uma equipa da primeira divisão da Liga. O campeão da segunda, mais concretamente. Parece que deveria tratar-se de um conjunto de pouca categoria, já que é de sapar que os doze super-ventes da divisão de honra são superiores a ele. E sem embargo, poucas equipas haverá actualmente no nosso país com a potência, bom jogo e grandes dotes emotivos na sua actuação como o Alcoyano.

Pode dizer-se que a equipa branco-azul — o Alcoyano veste camisola branca e azul e calções azuis também — é um digno representante da chamada «fúria espanhola». Tem jogo, e tem grandes figuras de futebol; porém, a sua característica principal, popular em toda a Espanha, é o entusiasmo, a coragem e a alma que põem nas suas actuações.

O Alcoyano é um conjunto relativamente moderno. Em Alcoy, industrial cidade alicantina, de uns cinquenta mil habitantes, existia desde 1906 uma equipa de futebol: o Clube Pardalot. Era no tempo dos jogadores com grandes bigodes, com gorra e com cinturão de couro, que se retratavam com os braços cruzados e alteando o peito em atitude olimpionica. O Pardalot foi o representante da sua cidade naquela época heróica em que o futebol só se praticava nas grandes cidades e nelas se considerava os jogadores como uns loucos, que se atreviam a exhibir-se perante o público em trajes menores.

Atrás do Clube Pardalot, surgiram o Alcoy e outras sociedades, que se dedicaram à prática do futebol: Arte e Sport, em 1910; Clube Alcodiam Desportivo, em 1914, que tomou o seu nome actual: O Alcoyano. Porém, este não se lançou no ano de 1928. Jogou diversos desfilos amistosos no seu campo. O Valência perdeu ali por 3 0; o Celta, francês, por 7 1, com o internacional Cottent na rede; o Olimpico, de Paris, por 4-3.

Começava a criar-se em Alcoy a verdadeira «fúria» pelo futebol. E no ano de 1930 jogou por sua vez, a primeira no campeonato regional. Mas a época grande do Alcoyano não começa até terminada a Guerra em Espanha. No ano de 1940 incorporou-se na equipa o dianteiro do Levante Valenciano, Ramon Ba-

laquer, actual treinador do clube. O entusiasmo e o grande estilo de jogo deste rapaz deram novos impulsos ao Alcoyano, que, na temporada 1941-42, alcançava o título de campeão regional, com treze vitórias em catorze partidas jogadas. E no ano seguinte ascendia à segunda divisão da Liga.

No torneio nacional fez bons jogos o Alcoyano. E ao disputar-se a «Copa», encheu-lhe enfrentar-se com o Valência, um dos mais fortes conjuntos espanhóis. Venceu o Alcoyano por 2-1, no seu campo, mas perdeu por 2-0 em Mestalla, o que lhe custou a eliminação, não sem antes haver demonstrado que, embora da segunda divisão, tinha jogo para figurar na primeira.

A isso aspira o Alcoyano, que na temporada 1943-44 jogou a promoção para o acesso com o Español de Barcelona. A veterania festejou-lhe a vitória por 7-1. Mas os alcoyanos alcançaram fama, e é nome que se pronuncia com temor em todos os campos.

A sua constância é premiada um ano depois, em que consegue entrar na primeira divisão. Nela actua com bastante desgraça, e um inesperado empate entre o Múrcia e o Español tira de novo com o grupo para a divisão secundária.

Não se resignou o Alcoyano. Luta com entusiasmo e terminou a temporada com quatro pontos de vantagem sobre o Tarragona, segundo classificado.

No campeonato da «Copa» da temporada actual, também lhe

correspondeu enfrentar o Valência. Venceu este por um goal em Mestalla, e pela mesma diferença perdeu no domingo seguinte no terreno de Collao, campo do Alcoyano. O desfilio de desempate, celebrado em Castellón, deu a vitória por mínima diferença em Valência.

Formam o conjunto os seguintes jogadores: Company; Germán e Pitarch, defesas; Cono, Mateu e Batana, médios; Estrach, Vidal, Quisco, Costa e Pastor, avançados. Mais: o guarda-redes



O «team» de honra do Clube Desportivo Alcoyano

Teodoro Gonzalez (65.500 k.), lírio estilista catalão já entrado na idade, proporcionou a 25 de Maio, aos apreciadores da esgrima de panhos, um brilhante combate.

Em frente de Guilherme Martins (66.500 k.), que lhe deu réplica, soube conduzir-se com bela coragem depois de haver jogado a sua sorte e resistia galhardamente aos ataques do fogueiro português.

Gonzalez não tem força de golpe nem fôlego para grandes cometimentos. Durante os primeiros quatro rounds trabalhou com mestria, cobrindo o mexilar e bruxando em guarda-baixa, para lutar o esômagu e o tórax à acção dos panhos de Guilherme Martins.

Muito móbil, palmilhando sem tréguas à roda do lusitano, accentuou um domínio pontual que só de longe em longe Martins conseguia redazir, com tentativas isoladas, de grande poder.

O sexto round foi o primeiro que Guilherme Martins chamou a si, atacando com determinação e obrigando o espanhol a ceder terreno. Daí até final, Gonzalez só no 8.º período equilibrou as acções, para decair no pendúli-

BOXE NO PARQUE MAIER

GUILHERME MARTINS

vence Teodoro Gonzalez

mas o espanhol fez uma bela demonstração

mo e derradeiro assalto do match.

Francoamente, o pugilista nacional causou-nos decepção, pois esperávamos melhor.

O combate entre Miguel França (62.100 k.) e o espanhol Lloveras (57.300 k.) termina no 4.º assalto, por abandono do segundo nomeado.

Dada a notável diferença de pesos anunciada e a feroz incapacidade de encaixe de Lloveras, no declinar da sua carreira, o resultado compreende-se e nem se comenta, sequer...

Quanto aos desfilos preliminares, assistimos a um match entre Valente Rocha e Manuel

Quílez, o defesa Gil; o médio Bolinches, e os avançados Ostolaza, Rigau e Pérez.

Entre todos estes rapazes destaca-se o jogo precioso e efectivo do interior direito Vidal, bela figura de equipa, cuja aquisição quer o Real Madrid. Magnifica a sua parrelha defensiva e médios. O ataque é a linha mais débil do conjunto, pois tem falta de tiro, embora os interiores sejam magníficos marcadores.

Estamos seguros de que o Alcoyano terá êxito em Portugal. Pode ganhar ou perder, mas a sua coragem, o seu entusiasmo, a sua rapidez e a sua moral inquebrantável darão ocasião a que os aliciados portugueses saboreiem umas exhibições em que estará presente o clássico jogo espanhol de fúria e brio.

Ramon Melcon

CAUSOU evidente desgosto nesta cidade, como certamente pelo país, o meu resultado do encontro Portugal-Inglaterra em futebol. São coisas que acontecem, já se sabe. Não faltaram, no entanto, *santas* pessoas que se colocam sempre no tempo dos derrotaços, para apoucar nomes, agredir reputações, esmagar alguma coisa que estava feito. Tudo se esqueceu de repente.

E como estamos no país dos boatos, das invenções mais disparatadas, já não pode surpreender tudo quanto corre por cá. Não lhes demos crédito. Se o fizéssemos — riem-se os nossos leitores, certamente.

◆ SABE-SE que o jogador português Araújo jogou contra os mestres ingleses em más condições físicas. Uma atenuante para o seu trabalho? E porque não?

Como ainda não lemos nada sobre o assunto, diga-se que o interior direito do F. C. do Porto, no próprio domingo de jogo, teve de sair do estádio para procurar um médico-dentista. A sua inclusão esteve em causa, até à última hora. Depois do encontro, o seu estado de saúde não melhorou, segundo informações recebidas.

◆ PESSOAS que foram a Lisboa ver o encontro Portugal-Inglaterra regressaram maravilhadas com os britânicos. Disse-nos um: «podem os portugueses jogar com duas equipas, uma na primeira e outra na segunda parte. Naquele domingo — o resultado seria o mesmo».

As mesmas pessoas, entretanto, também se queixaram do mau ambiente criado durante o jogo. Assobiar uma equipa nacional é desolador. Se isto se desse no Porto, nunca mais seríamos desculpados. Já não dizemos: «nunca mais teríamos jogos internacionais...» De uma maneira ou de outra — é o que sucede!

◆ SOBRE natação? O ano findo, se bem nos lembra, já no Porto se fazia alguma coisa nesta altura. Este ano, pouco se tem trabalhado. Nem os corpos gerentes se manifestam. A falta de uma piscina bem localizada justifica alguma coisa o desinteresse que se nota entre os principais clubes, mas pelo menos o F. C. do Porto, Selgueiros, Sport e outros, talvez pudessem tomar a iniciativa de reunir as vontades mais firmes, não deixando esquecer tão benéfica companhia.

Pela nossa parte...

◆ UM PROTESTO do Vasco da Gama foi julgado improcedente. Um nosso camarada protestou contra a decisão federativa. Talvez não tenha razão nos termos em que o fez. Lembramos um artigo desta secção de Stadium: — a falta de representantes do Porto ou que do Porto gostem nas entidades dirigentes.

Nos corpos gerentes das Federações é vulgar ver-se a representante do Porto... pessoas conhecidas de clubes lisboetas. Claro que na altura própria tudo se pode complicar. Repetimos: não tem razão o jornalista português. Primeiro —

Outra vez o andebol...

Infelizmente, e desde que alguns desportistas resolveram o ano passado embaraçar a boa marcha do andebol, — não mais foi possível dar a este desporto o necessário ambiente de prosperidade. O público desinteressou-se bastante. Os grupos, especialmente o do F. C. do Porto, baixaram de categoria. E, tudo junto, fizeram chegar o andebol a nível inferior — o que parece ter contagiado, até, o próprio seio da Comissão Administrativa o ano passado eleita e agora disposta a retirar-se do seu posto.

Além disso, escolheu-se também um sistema de campeonato (o nacional) que não pode servir a ninguém. Fazer apurar os finalistas no Porto e em Lisboa, entre 3 equipas, para jogarem depois em Coimbra, é repetir a luta dos regionais. O público já não está com certeza disposto a estes «sacrifícios» e a solução de cidade neutra nem sequer contribuirá naturalmente para expandir a modalidade.

Não se vê por agora solução para o caso, tanto mais que no Porto se estabeleceu certa luta entre o Vigorosa e o Vilanovense. As suas aspirações são bem diversas, e o primeiro está disposto a reclamar de uma decisão superior.

Deixando, entretanto, o aspecto especial do caso, lamentamos que o andebol português tivesse enveredado por caminho tão difícil. O facto de se haver escolhido uma fórmula de campeonato bizantina deve contribuir para o apoucar. Se, ainda para mais, o ligarmos a incidentes como este e outros anteriores, mais dias poderá atravessar um desporto que chegou a ter público fiel e numeroso.

Bem o dissemos o ano passado. Ninguém quis ceder um bocadinho, e agora estão visíveis os efeitos desastrosos da caturrice e do génio de certa gente.

preparem representantes «autênticos...»

Compreendido?

◆ OQUEI EM PATINS parece estar agora destinado a progredir, no Porto. Ajudaremos tanto quanto for possível. O que em patins poderá na verdade vencer nesta cidade, sendo apenas de lamentar que um clube como o F. C. do Porto não tivesse feito vingar a secção. Considere-se que a expansão do que em patins floriaria assegurada se tal pudesse acontecer.

◆ CONTINUA a dizer-se que a direcção do F. C. do Porto não ficará. Mesmo depois da prova de confiança dada pela última assembleia geral. Parece-nos que a situação do clube não poderá melhorar com as alterações do seu funcionamento directivo, de mais a mais reconhecida a sua capacidade, e por isso julgamos precipitada qualquer ideia de abandono.

◆ DOIS CLUBES em acção, no atletismo: Porto e Académico. Já começaram em torneios, entre-sócios, o mais dedicadamente possível. Causa lástima a ausência de mais alguns. Futebol — só futebol. E mesmo assim — muito mal...

◆ LAMENTAMOS que o Boavista, mesmo jogando contra a reserva do Sporting, reforçada, não tivesse conseguido um resultado mais digno. Francamente: — podemos julgar que o futebol português vai, na verdade, alguma coisa?

O F. C. do Porto, contra o Eivas, também não fez nada digno de referência especial. Tudo muito aborrecido.

O peninsular de atletismo

Uma informação de boa origem garante-nos que o próximo encontro internacional Portugal-Espanha, de atletismo, marcado para Julho, servirá para inaugurar a pista do Lumiar. Isto é: — o Porto não poderá assistir à importante competição. Não sabemos se virá a ser tal como nos afirma o desportista amigo. A Federação ainda se não pronunciou definitivamente.

Mas também não colocamos de fora a versão. O nosso amigo, por acaso lisboeta e antigo dirigente, garante que Lisboa ganhará a escolha, alegando-se dificuldades várias, e entre elas, o grande número de pessoas a deslocar, da Capital, a situação especial dos sócios do Académico, os seus balneários do Lima — o diabo! E ainda nos disse que os espanhóis informaram não ter gostado da pista, quando aqui estiveram o ano findo.

Será tudo isso suficiente para tirar à capital nortenha o prazer de assistir ao belo encontro entre as duas nações peninsulares? O que não deixamos é de dar a notícia aos nossos leitores. Infelizmente o encontro não está marcado para o Lima e julga-se que o não será.

Sabemos que a organização é caríssima. Mas, tudo combinado devidamente, talvez pudesse ter uma solução conveniente. Uma questão a cuidar por quem de direito.

E o remo portuense?

Já lá vão muitos anos. A cidade do Porto orgulhava-se do seu remo, das suas equipas, em qualquer categoria. O Sport, o Fluvial ganhavam campeonatos, batiam-se admiravelmente, no Rio Douro, em Lisboa, na Figueira, — onde fosse preciso. O Sport chegou a representar Portugal, no Lago de Cômô, na Itália.

Quando se efectuavam campeonatos no Rio Douro, fossem do Porto ou nacionais, do Esteio de Campanhã à Cantareira, a cidade despovoava-se. E era lindo! Na beira rio havia festa, não faltava alegria. O remo triunfava, o número de praticantes era numeroso, numeroso e seleccionado.

Parece que tudo acabou. Ou melhor: — parece que se perderam tradições — as valiosas tradições do Porto. Lamentavelmente. Estavam marcados os campeonatos nacionais para esta cidade, como se anunciou. Mas já se não realizam por cá — afirma-se. E porque? Ora — porque, como tem sucedido em tudo, as colectividades locais não podem suportar encargos de grande vulto e... não recebem auxílios de qualquer natureza.

Assim, o remo portuense definha-se de ano para ano. O velho entusiasmo desapareceu, no público e nos concorrentes. As equipas deixam de trabalhar, por falta de estímulo, de auxílio, e disso beneficiam outros centros, mesmo que não possuam população desportiva capaz. Desde que tenham dinheiro.

E' pena. Vão-se perdendo as tradições do Porto. O seu espírito organizador, o seu brio no campo desportivo, o seu desejo de progredir. Causa lástima. Não se olha por isto — e talvez um dia seja tarde...

no PORTO, em FAMALICÃO e S. JOÃO DA MADEIRA



O guarda-redes elvense Semedo teve trabalho laborioso. Defende nesta fase com decisão



Um remate elvense que não chega às redes. Joaquim e Guilherme estão atentos



Uma defesa de Machado, a sóco, carregado por Alvaro Pereira



O Famalicão está ao ataque. Mas a defesa vimaranense emprega-se com afinco



Abraão, a despeito da vitória da sua equipa, também defendeu muitas vezes, e com energia



Nova defesa de Abraão, ameaçado por um sanjoanense